


## NOVAS REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO GÊNERO NOTÍCIA DURANTE A COBERTURA DA ‘BREQUE DOS APP’S’

 <https://doi.org/10.56238/arev7n1-010>

Data de submissão: 01/12/2024

Data de publicação: 01/01/2025

**Benedito Gomes Bezerra**  
Universidade de Pernambuco

**Dario Brito Rocha Júnior**  
Universidade Católica de Pernambuco

**Maria Eduarda Alves de Andrade**  
Universidade Católica de Pernambuco

**Amanda Cavalcante de Oliveira Lêdo**  
Universidade de Pernambuco

**Jaciara Josefa Gomes**  
Universidade de Pernambuco

---

### RESUMO

Partindo do pressuposto de que as notícias jornalísticas são capazes de reforçar ou denunciar problemáticas sociais, neste trabalho propomos a realização de uma análise crítica do gênero notícia com foco na plataformização do trabalho (Grohman, 2020). Trata-se de um fenômeno da sociedade contemporânea cujo principal impacto é a precarização e anulação de direitos laborais dos trabalhadores vinculados a plataformas digitais. No Brasil, esses trabalhadores são, na maioria, pretos, periféricos e de baixa renda. Mediante a análise de notícias publicadas durante a Breque dos Apps, primeira paralisação nacional dos entregadores de aplicativo, objetivamos identificar como esses atores sociais foram representados e quais discursos foram utilizados pela imprensa para explicitar a problemática em questão. A construção teórico-metodológica do estudo respalda-se na Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003) e na teoria de gêneros textuais/discursivos de base sociorretórica, utilizando como categorias analíticas: (i) macroanálise social e textual, em que observamos as dimensões da (inter-)ação discursiva (atividade, relações sociais e tecnologias de comunicação) e (ii) microanálise de significados acionais a partir da intertextualidade. O critério de escolha dos portais de notícia online foi sua ampla divulgação e propagação, já os textos foram selecionados a partir da ferramenta CrowdTangle, sendo levados em consideração: alto índice de engajamento, data da publicação e uso das palavras-chave “breque dos apps” e “paralisação entregadores”. Acreditamos que este estudo pode contribuir para a compreensão do papel social do gênero notícia, discernindo e discutindo os discursos que norteiam as temáticas abordadas e, conseqüentemente, desvendando os interesses políticos e ideológicos dos portais de comunicação.

**Palavras-chave:** Análise crítica do discurso, Gênero notícia, Plataformização do trabalho, Breque dos apps.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, com o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), em especial aquelas de natureza digital, a sociedade vem reformulando seus modos de produção e sociabilização. Para além das transformações no que diz respeito às interações sociais, nota-se ainda uma crise estrutural do capitalismo, refletindo-se em grandes desafios para as democracias e os direitos dos trabalhadores (Srnicek, 2017). A internet e as plataformas digitais são responsáveis por modificações dramáticas nas empresas e em seus modelos de contratações, e é a partir deste cenário que surge o fenômeno da plataformização do trabalho (Grohmann, 2021).

Trata-se de um conceito em uso desde o ano de 2010, cujo principal objetivo é lançar luzes sobre os processos de precarização e desigualdade que modulam as atividades dos trabalhadores vinculados a aplicativos digitais. No Brasil, o trabalho por plataforma tornou-se uma realidade evidente nos últimos 10 anos, com a chegada de marcas internacionais como a *Uber*, *iFood* e *Rappi*. Todavia, foi a partir da pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19) que este regime de serviço passou a ser visto como uma problemática social.

O movimento #fiqueemcasa se espalhou por todo o país, na tentativa de reduzir os índices de contaminação pela doença. Contrastando com os profissionais de saúde, que tinham de permanecer nos hospitais para enfrentar a crise, os entregadores de aplicativo tiveram que atuar numa linha de frente em que expunham seus corpos para que muitos de nós pudéssemos receber em domicílio os insumos necessários para a sobrevivência, como alimentos e medicações. Apesar de sua exposição a uma doença ainda desconhecida e sem vacina, eles não tinham a garantia de nenhum direito trabalhista, além de serem mal remunerados, recebendo uma média de R\$ 1,50 reais por entrega (GI, 2023).

Envoltos pelo sentimento de desvalorização, a classe organizou coletivamente a #BrequeDosApp's, primeira paralização nacional dos entregadores de aplicativo no Brasil. Durante dois dias, a imprensa nacional cobriu centenas de manifestações espalhadas pelo país, com mensagens de alerta e reivindicação de melhores condições de trabalho. É válido ressaltar que, de acordo com o último levantamento publicado pelo IPEA (2021), há mais de 1,6 milhões de entregadores de aplicativo brasileiros, sendo a maioria homens pretos ou pardos, com menos de 50 anos, residentes de regiões periféricas.

Ainda que este seja um debate mais recorrente na agenda de pesquisa das ciências sociais, se faz válida uma observação no campo linguístico dado que a consolidação dos fenômenos sociais, conforme defende Fairclough (2003), é intermediada pela propagação do discurso. Em seus estudos, na Análise Crítica do Discurso, o pesquisador defende a ideia de que a relação entre linguagem e

sociedade é interna e dialética. Isso implica dizer que as questões sociais são, em parte, questões do discurso e vice-versa (Chouliaraki; Fairclough, 1999). Desse modo, podemos entender a linguagem como parte irreduzível da vida social, constituindo-se na mesma medida em que gera efeitos e consequência nos mais diversos campos sociais, políticos, cognitivos, morais e materiais (Fairclough, 2003).

Em estreito diálogo com as perspectivas de análise do discurso, as teorias sociorretóricas de gênero facilitam o olhar para o discurso como concretizado em textos e situados nas convenções sociais dos gêneros. O gênero é uma forma de ação social (Miller, 2012) e, como tal, constitui uma categoria para entender os significados construídos pela notícia.

Assim sendo, ao propor um diálogo entre os estudos críticos do discurso e os estudos sociorretóricos de gêneros, buscamos analisar as representações sociais propagadas pela imprensa nacional durante a cobertura da Breque dos App's. Partimos do pressuposto de que o modo como o jornalismo retrata a plataformização tende a interferir na percepção social dos sujeitos sobre as relações de trabalho e na agenda legislativa, executiva e judiciária. Deste modo, almejamos responder aos seguintes questionamentos: i) qual o propósito que a imprensa atribui aos protestos dos entregadores de aplicativo? ii) qual o nível de influência (governança) exercido pela imprensa sobre seus leitores, ao apresentar a plataformização do trabalho? (iii) quais vozes são identificadas nestas notícias?

Uma vez que a problemática aqui exposta reforça estruturas neoliberais de precarização da classe operária, se faz necessário fomentar o debate acadêmico sobre os impactos desse discurso que, em parte significativa, se revela sempre de forma positiva como sinônimo de progresso econômico. A proposição deste estudo não implica a oposição ao surgimento de novas tecnologias digitais aplicadas ao trabalho, todavia, defendemos a necessidade de gerenciar essas reconfigurações trabalhistas levando em consideração a realidade de desigualdade social predominante em países como o Brasil.

A seguir, apresentaremos os conceitos teóricos que norteiam este trabalho, com enfoque na Análise Crítica do Discurso e na teoria dos gêneros. Inicialmente, discutimos a prática discursiva (Fairclough, 2001), com base nos escritos de Da Silva e Ramalho (2008). Posteriormente, discutiremos sobre os gêneros como ações sociais, utilizando os estudos de Miller (2012) e Fairclough (2001). A seção seguinte explicita os procedimentos metodológicos e todo o processo de seleção e análise do *corpus* para que, em sequência, sejam feitas as análises e discussões. Por fim, apresentamos breves considerações sobre os resultados obtidos, apontando futuros caminhos da investigação.

## 2 GÊNEROS COMO AÇÕES SOCIAIS: UMA INTERSECÇÃO ENTRE A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E A TEORIA DOS GÊNEROS

Como ponto de partida para a compreensão dos gêneros como ações sociais sugerimos, começamos com uma breve explanação da Análise Crítica do Discurso (ACD). Trata-se de uma abordagem conhecida por seu caráter transdisciplinar, em que a linguagem é estudada como parte irredutível da vida social. Com base nos estudos de Fairclough (2001), podemos entender que, como ciência crítica, a ACD preocupa-se com os efeitos ideológicos que (sentidos de) textos possam ter sobre relações sociais, ações e interações, conhecimentos, crenças, atitudes, valores e identidades.

Ao adotarem essa perspectiva crítica, os pesquisadores avaliam o poder como meio central da vida social, voltando-se não só para a noção das lutas pelo controle, mas também para a intertextualidade e a recontextualização de discursos que competem entre si (Wodak, 2010). É preciso entender que cada texto é historicamente produzido e interpretado com base no tempo e no espaço em que se situa, ou seja, o texto carrega uma complexa estrutura ideológica elaborada a partir de sua perspectiva sócio-histórica (Rezende, 2006).

Não se trata de uma observação simplista entre aquilo que é dito e o social, mas sim, levando em consideração as premissas de dominação que interpelam cada texto. Isto posto, aqueles que adotam esse caminho de pesquisa tendem a concordar com Habermas:

[...] a linguagem também é um meio de dominação e força social. Ela serve para legitimar relações de poder organizado. Na medida em que as legitimações das relações de poder não são articuladas, [...] a linguagem é também ideológica. (Habermas, 1977, p. 259).

Fairclough (2001) considera que o processo de elaboração discursiva não se inicia e encerra em si mesmo, todavia, funciona sempre como uma resposta ao que já foi dito, podendo antecipar ou polemizar uma série de vozes. Em vista disto, em seus estudos, recorre a conceitos seminais de Bakhtin (1997), defendendo a existência de uma relação dialógica entre linguagem e sociedade. Para ambos os pesquisadores, mesmo os discursos aparentemente não-dialógicos, como textos escritos, são internamente dialógicos e polifônicos.

Uma vez apresentada a ACD, adentraremos no debate em torno dos gêneros discursivos. É válido ressaltar que a teoria dos gêneros é interpretada de formas distintas. Freadman (2012, p. 436) propõe que o estudo e compreensão do gênero seja, paradoxalmente, um gênero, visto que “as escolas de pensamento, ou paradigmas, evidentes na teoria de gênero desde seu início são regidas pela pragmática da sua apreensão, seu uso por profissionais em cenários especificáveis”.

Bezerra (2022, p. 112) corrobora afirmando que não há uma teoria única para os gêneros, vista de forma unificada, mas sim diversas instâncias ou apropriações com base nos interesses dos

pesquisadores. Assim, podemos ter uma breve noção da dimensão desse conceito linguístico, percebendo que é impossível esgotar, em um único texto, sua total compreensão. Para os fins deste artigo, optamos pela abordagem dos Estudos Retóricos de Gênero, representados, entre outros, por Bazerman (2007) e Miller (2012), tendo em vista seu foco nos contextos sociais e nos atos de fala que os gêneros realizam numa dada situação.

Nesta perspectiva, os gêneros são concebidos como ações retóricas tipificadas, baseadas em situações recorrentes e seu estudo não se centra exclusivamente nas taxonomias, dado que eles mudam, evoluem e decaem, levando em consideração a complexidade e diversidade da sociedade (Miller, 2012). O entendimento do gênero como ação social implica em atribuir a ele a finalidade de responder às exigências do contexto em que os sujeitos estão situados, sendo cada um deles dotados de interesses, objetivos e funções dentro das suas respectivas comunidades. Miller defende sua abordagem alegando que:

Situações são construtos sociais que resultam, não de “percepção”, mas de “definição”. Uma vez que a ação humana é baseada em (e guiada por) sentido e não de causas materiais, no centro da ação encontra-se um processo de interpretação. Antes de podermos agir, precisamos interpretar o ambiente material indeterminado; definimos, ou “determinamos”, uma situação (Miller, 2012, p. 29-30).

Ilustrando esse debate, basta pensarmos que, ao experimentarmos diferentes processos de letramentos ao longo da vida, nos socializamos para interagir, ainda que de forma inconsciente, com os gêneros mais adequados para determinados eventos comunicativos. A forma como interagimos durante uma cerimônia religiosa, por exemplo, difere da linguagem que utilizamos na escola ou em festas infantis. Para Miller (2012, p. 29), “a recorrência é inferida por nossa compreensão de situações como sendo, de alguma forma, “comparáveis”, “similares”, ou “análogas” a outras situações”. Em vista disto, os pesquisadores que optam pelos Estudos Retóricos de Gênero têm como ponto de partida a ação que é utilizada para a execução do discurso, ou seja, os aspectos sociológicos que constituem determinado evento comunicativo.

Assim sendo, pode-se afirmar que um texto só se torna bem-sucedido quando compreendido pelos atores envolvidos. Bazerman (2009) nomeia este processo como a criação de um fato social, quando determinadas ações sociais significativas são realizadas por meio da linguagem. Como resultado, temos os atos de fala que se manifestam por meio de formas textuais padronizadas, determinadas pelo gênero. Isto significa que os conceitos de fatos sociais, atos de fala e gêneros estão intrinsecamente interligados, sendo difícil sua compreensão de forma estanque. A mobilização dos gêneros como atos de fala, gerando fatos sociais, culmina no desencadeamento de sistemas de gêneros, necessários para o funcionamento dos diferentes sistemas de atividades humanas.

### 3 ENTENDENDO O DISCURSO COMO PARTE CONSTITUINTE DAS PRÁTICAS SOCIAIS: GÊNEROS, DISCURSOS E ESTILOS

Meurer (2005) evidencia que dentro da ACD não há uma preocupação sistemática com a pesquisa sobre gêneros. No entanto, Da Silva e Ramalho (2008) explicam que nesta abordagem os gêneros constituem um momento de (redes de) ordens de discurso, ligados ao modo de interagir em práticas sociais, sendo vistos, assim como nos Estudos Retóricos de Gênero, como uma ação social. O que diferencia as abordagens é que, nos estudos críticos do discurso, a ação pela linguagem pressupõe não somente as “relações com os outros”, mas também o poder, ou seja, “ação sobre os outros” (Fairclough, 2003, p. 28). Em vista disto, adentraremos no debate sobre práticas sociais para assim entendermos os gêneros como maneira de agir e se relacionar.

Por prática social, Fairclough (2001, p.25) denomina um conjunto de articulações de diferentes tipos de elementos sociais que estão interligados a áreas particulares da vida social. Trata-se de uma articulação entre o discurso (linguagem) com elementos que não são de ordem discursiva, mas social. Podemos entender o ensino em sala de aula, por exemplo, como uma prática social, sendo que o uso da linguagem para esse evento é determinado também de acordo com as relações sociais vivenciadas neste espaço. Quanto a isto, o autor explica:

Os eventos sociais são causalmente moldados por (redes de) práticas sociais - as práticas sociais definem formas particulares de agir e, embora os eventos reais possam mais ou menos divergir dessas definições e expectativas (porque eles atravessam diferentes práticas sociais e por causa dos poderes causais dos agentes sociais), eles ainda são parcialmente moldados por eles (Fairclough, 2003, p. 26, *tradução nossa*).

É válido ressaltar que Fairclough (2003) entende o discurso de duas formas. Inicialmente, em seu sentido mais abstrato, como um substantivo cuja significação está atrelada à linguagem e a outros tipos de crenças, valores, atitudes etc; e também como maneiras particulares de representar o mundo (discurso do jornalismo, da ciência etc). Quanto à ordem do discurso, pode ser vista como um meio de organização social que exerce o determinado controle da variação linguística, constituindo-se por uma rede de práticas sociais, cujos elementos são:

- I) O gênero como um mecanismo articulatório que controla o que pode (ou não) ser usado e em que ordem, determinando assim a configuração do discurso como modo de ação e interação (fala ou escrita).
- II) O discurso como forma de construção das representações do mundo material, sendo essa uma questão discursiva, dado que podemos distinguir diferentes discursos, que podem representar a mesma área do mundo, a partir de diversas perspectivas ou posições.

III) Estilo, sendo este atrelado aos modos particulares de ser que funciona como agente ativo na construção de identidades sociais, como a relação médico-paciente, presidente-eleitorado ou padre-fiel, em que o uso da linguagem opera como um recurso de autoidentificação.

A cada modo citado atribuem-se as principais formas de significação do discurso, em uma observação que vai além da linguagem, justificada pela relação dialética entre os momentos semióticos e não semióticos da vida social. Práticas articulam discursos que, por sua vez, participam de eventos não discursivos no mundo material. Assim, os elementos da ordem do discurso (gênero, discurso e estilo) são categorias que “atravessam a divisão entre o linguístico e o não-linguístico, entre o discursivo e o não-discursivo” (Fairclough, 2003, p. 25).

Para cada elemento constituinte da ordem do discurso, Fairclough (2003) propõe, com base na Gramática Sistêmico-Funcional de Michael Halliday, um novo olhar em torno do processo de significação dos textos, dividindo-o da seguinte forma:

- i) Significado acional: corresponde às maneiras de agir e se relacionar em práticas sociais e está intrinsecamente ligado ao gênero. Ou seja, trata-se do entendimento do gênero como uma ação social, sendo possível observarmos as relações de poder instituídas entre os indivíduos a partir da linguagem;
- ii) Significado representacional: diz respeito ao modo como o discurso funciona como ferramenta para representar os aspectos de mundo.
- iii) Significado identificacional: está atrelado ao estilo e tem como função caracterizar a prática discursiva. Uma peça judiciária, por exemplo, manifesta uma série de características particulares, permitindo sua identificação ainda que seja propagada fora do contexto jurídico.

Em suma, embora as características da ordem discursiva (gênero, discurso e estilo) e os significados do discurso apresentem suas especificidades, não se deve observá-los de forma isolada, tendo em vista a relação dialética entre eles. Ou seja, cada qual internaliza traços de outros, de maneira que nunca se excluem ou se reduzem a um (Resende; Ramalho, 2005).

Desse modo, a atribuição de sentido para um dado texto requer mais do que seu conhecimento gramatical. É necessário também considerar a natureza extradiscursiva, atentando aos contextos ideológicos e sociais do evento comunicativo. Ratificando este pensamento, Fairclough (2001, p. 108) pontua que alguns textos conduzem a guerras; outros levam pessoas a perder o emprego ou a obtê-lo; outros ainda modificam as atitudes, crenças ou práticas das pessoas, sendo assim possível visualizarmos como a linguagem exerce um papel fundamental em nossa vivência social.

#### 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O marco temporal para delimitar a seleção do corpus foi 1 de julho de 2020, data exata em que ocorreu a primeira manifestação nacional da Breque dos App's. Os critérios para inclusão foram: alto índice de engajamento, data da publicação e uso das palavras-chave “breque dos apps” e “paralisação entregadores”. O instrumento de coleta, por sua vez, foi a ferramenta *CrowdTangle*<sup>1</sup>, totalizando a identificação de 60 notícias.

No entanto, tendo em vista as limitações textuais, a análise deste artigo centra-se na cobertura dos portais Globo e R7, visto que, de acordo com o último Monitoramento da Propriedade da Mídia no Brasil<sup>2</sup>, são os dois portais de notícias (oriundos de grandes emissoras nacionais) com a maior audiência no país. A escolha foi feita com base em uma amostragem não probabilística intencional, partindo do pressuposto de que quanto maior o número de leitores dos respectivos sites, maiores são os efeitos discursivos do fenômeno em questão.

A determinação das categorias de análise foi feita com base na proposta metodológica de análise crítica de gêneros elaborada por Da Silva e Ramalho (2008). Inicialmente, recorreremos à macroanálise social e textual (Fairclough, 2003), sendo observadas as dimensões da (inter-)ação discursiva (atividade, relações sociais e tecnologias de comunicação). Posteriormente, será feita uma microanálise de significados acionais (Fairclough, 2003) a partir da intertextualidade.

A macroanálise social e textual consiste nos seguintes aspectos:

- i) Análise da atividade: esta etapa tem como objetivo apontar a atividade e propósitos específicos desenvolvidos pelo gênero notícia, buscando entender a intencionalidade do jornalista ao escrever sobre a Breque dos Apps;
- ii) Análise das relações sociais: neste ponto, centramos a observação nos tipos de relações (e poder) constituídas entre os atores envolvidos no evento comunicativo (jornalista, leitor e entregadores de aplicativo).
- iii) Análise das tecnologias de comunicação: observa os tipos de comunicação, podendo ocorrer em uma ou duas vias, de forma mediada ou não. Ou seja, há uma interação entre o jornalista e seus leitores?

Por sua vez, a microanálise de significados acionais consiste na análise da intertextualidade no gênero notícia. Recorreremos a uma categoria analítica acional com a finalidade de observar como se

<sup>1</sup> Trata-se de uma ferramenta digital, produzida pela Meta, com a finalidade de monitorar, analisar e relatar conteúdos compartilhados nas redes sociais digitais. Link de acesso: <https://www.crowdtangle.com/>.

<sup>2</sup> Site: <https://intervozes.org.br/projetos/monitoramento-da-propriedade-de-midia-no-brasil-mom/>



articulam as vozes dentro das notícias. É preciso evidenciar que a ausência ou presença de locutores específicos e o modo como suas falas se relacionam sinaliza o posicionamento do texto em lutas hegemônicas (Fairclough, 2001). Em vista disto, apontaremos quais os sujeitos e discursos identificados dentro destas notícias.

## 5 MACROANÁLISE DO GÊNERO NOTÍCIA: ENTENDENDO A INFLUÊNCIA DO DISCURSO JORNALÍSTICO NA PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO

Antes de adentrarmos no processo analítico, se faz necessária uma apresentação prévia do *corpus* em questão. O primeiro site selecionado foi o Globo.com, lançado em 2006 como o primeiro produto digital do grupo Globo. Em segundo lugar temos o portal R7, criado em 2009 como parte do grupo Record. Na tabela 01, apresentamos os indicadores de audiência de cada um deles.

Tabela 01: apresentação das notícias analisadas<sup>3</sup>

Portal	Ano de criação	Média anual de audiência (total de visitantes únicos)	Concentração de audiência na internet
Globo	2006	63.103k	73,0%
R7	2009	49.977k	63,0%

Fonte: autores

Ao determinar uma observação dos portais de notícia digitais, pressupomos que, na sociedade contemporânea, este tipo de conteúdo tem maior impacto na reformulação de práticas sociais devido a sua propagação em larga escala. O discurso da mídia funciona como um princípio recontextualizador para a apropriação de outros discursos (Fairclough; Chouliaraki, 1999). Isso implica dizer que o modo como os jornalistas retratam a plataforma do trabalho, em parte, resultará no modo como os cidadãos a entenderão.

Em vista disso, é imprescindível uma revisão sobre o papel da notícia em nossa sociedade, para assim realizarmos a análise da atividade. Se observada puramente pela ótica do jornalismo, a notícia tem como função prioritária repassar informações determinadas por um certo nível de relevância, tempo e espaço. Podemos encará-la como um relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante (Lage, 2004, p.16). Ou seja, um repórter não exatamente narra os acontecimentos, mas tem como finalidade expô-los a partir da sua compreensão, permitindo-nos uma reflexão sobre a sua

<sup>3</sup> Os dados para monitoramento de audiência são equivalentes ao ano de 2023, retirados com base na pesquisa do Grupo de Mídia de São Paulo. Disponível em: [https://midiadados.gm.org.br/view-content/tableau@34d68852-fa78-44aa-9748-15280c745735?category=midia\\_digital](https://midiadados.gm.org.br/view-content/tableau@34d68852-fa78-44aa-9748-15280c745735?category=midia_digital).

intencionalidade. Trata-se de uma visão em que o produtor textual não desempenha uma responsabilidade efetiva quanto às possíveis interpretações de sua audiência.

Todavia, na perspectiva linguística e social que adotamos, Van Dijk (1990) alega que a notícia, enquanto discurso, exerce um papel fundamental na construção e reconstrução das cognições sociais. Assim sendo, a intencionalidade do jornalista é capaz de moldar a percepção de seus leitores sobre determinado evento. Ao apresentar a Breque dos Apps, os repórteres podem estimular desde uma percepção crítica a este tipo de contratação ou a naturalização do processo de precarização vivenciado pelos entregadores de aplicativo.

Abaixo, apresentamos as manchetes selecionadas:

Figura 01: notícias publicadas no Globo.com

## Entregadores de aplicativo fazem protestos nas ruas do Rio e de SP por melhor remuneração

Informais, os trabalhadores cobram das plataformas aumento dos repasses por entrega, uma taxa mínima por corrida, fim de pontos e auxílio-pandemia

Sergio Roxo, Guilherme Caetano, Camilla Pontes e Stephanie Tondo  
01/07/2020 - 13:19 / Atualizado em 16/07/2020 - 14:59

## Entregadores de aplicativos fazem manifestação em São Paulo

Manifestantes cobraram melhores condições de trabalho e EPIs durante a pandemia. Grupo fez buzinação em frente ao Tribunal Regional do Trabalho, no Centro, e passou pelas avenidas Paulista e Rebouças, além da Ponte Estaiada, na Zona Sul.

Por G1 SP — São Paulo  
01/07/2020 12h15 - Atualizado há 3 anos

Figura 02: notícias publicadas no portal R7

## Entregadores de SP pedem direitos a apps após amputação por acidentes

Depois de se acidentarem nos últimos meses, Joel, Alexandre, Felipe e Robson ainda não foram indenizados. Dois deles sequer tiveram respostas

SÃO PAULO | Guilherme Padin, do R7  
01/07/2020 - 02h00 (ATUALIZADO EM 01/07/2020 - 17h09)



## Entregadores paralisam atividades hoje contra condições precárias

Trabalhadores têm atuado de 8 a 12 horas por dia e 26 dias por mês, e ainda assim recebem menos. Bloqueios sem justificativa também estão na pauta

SÃO PAULO | Guilherme Padin, do R7  
01/07/2020 - 02h00 (ATUALIZADO EM 01/07/2020 - 08h44)



Ao observarmos os títulos, fica evidente que a principal intenção dos portais, inicialmente, é apresentar o fato social. No âmbito jornalístico, o título permite que o leitor decodifique a mensagem restante do texto, estabelecendo uma ligação catafórica com aquilo que se segue, induzindo uma dada leitura (Guimarães, 1990, p. 52). Isso significa dizer que os dados expostos na chamada da matéria são, inicialmente, os responsáveis por conquistar, ou não, a atenção do leitor.

Em cada manchete acima podemos identificar semelhanças e distinções na apresentação dos fatos. Todavia, em se tratando de uma mesma prática discursiva, o estilo adotado não tende a se diferenciar tanto. A escrita jornalística demarca a prioridade informativa a partir da apresentação do sujeito + evento social + motivações, estrutura seguida tanto pelo G1 como pelo R7.

Seguindo para os subtítulos, há uma maior contextualização dos fatos e diferenciação nas informações apresentadas, exaltando assim o poder de escolha do repórter ao determinar o direcionamento do seu texto. No Globo (Figura 01), a primeira notícia evidencia os direitos que estão sendo solicitados pelos entregadores, permitindo que o leitor tenha uma breve noção das exigências dessa categoria. É válido enfatizar o uso do substantivo “informais”, deixando subentendida a ausência de uma regulamentação trabalhista.

De modo geral, trata-se de uma descrição simples e objetiva, mas atenta ao que pedem os manifestantes. Já o segundo texto centraliza a observação nos espaços públicos que foram ocupados durante o protesto, pontuando brevemente alguns dos interesses da categoria. Todavia, a intencionalidade do texto, inicialmente, parece mais centrada no transtorno urbano, devido ao trânsito, do que na luta pelas melhores condições de trabalho.

No R7 (Figura 02), a primeira notícia apresenta um novo evento social, acidentes de trabalho sofridos por três entregadores, ao mesmo tempo em que sinaliza uma falta de assistência por parte das empresas de aplicativo. Ao ler a manchete, nota-se uma espécie de apelo à necessidade de sensibilização da população para com os sujeitos citados. O texto destaca a negligência dos contratantes não somente no que diz respeito à jornada de trabalho e valores pagos, mas também à segurança e saúde. Na segunda matéria, por sua vez, o repórter faz questão de levantar outras problemáticas, o que reforça a visão de precariedade vivenciada pelos trabalhadores ao mesmo tempo em que justifica a realização da paralisação.

Conforme diz Bakhtin (1997, p. 291), os gêneros implicam em atividades específicas e estão ligados a práticas particulares com propósitos específicos, nos permitindo entender, portanto, que as notícias observadas apresentam um caráter descritivo do evento e problemática social. Ainda que a manifestação seja apresentada por diferentes perspectivas, há um consenso quanto a priorização dos discursos dos entregadores de app's. É válido ressaltar que a análise de propósitos de atividade, conforme Fairclough (2003), deve ser feita de forma comedida, visto que os propósitos também podem estar combinados hierarquicamente, mesclados, implícitos, de maneira que a fronteira entre eles pode não ser tão clara.

Em se tratando da análise das relações sociais, se faz necessária uma observação dos tipos de relações (e poder) constituídas entre os atores envolvidos. Como posto, o repórter exerce uma relação de domínio da prática discursiva, sendo o responsável por determinar aqueles que serão (ou não) ouvidos e o modo como a sociedade entenderá a paralisação.

Fairclough (2003, p. 32) caracteriza a notícia como um gênero de governança, o qual defende ser importante para sustentar a estrutura institucional da sociedade contemporânea. O uso do termo

“governança”, segundo ele, diz respeito a qualquer atividade dentro de uma instituição ou organização dirigida para regular ou administrar alguma outra (rede de) práticas sociais, funcionando como uma espécie de gerenciamento social.

Não se pode ignorar que a imprensa exerce um papel fundamental no processo de fiscalização dos agentes públicos e privados. O modo como a plataformização do trabalho é apresentado nos portais jornalísticos influencia não só a compreensão dos leitores, como também a agenda política e governamental, que, por sua vez, reflete diretamente na prática trabalhista destes cidadãos.

Assim sendo, a notícia enquanto gênero funciona como operadora de “pedagogias culturais”, nas quais conhecimentos e saberes circulam e o poder é organizado e difundido (Gerzson, 2007, p. 13). O jornalista (autor) apresenta os fatos (evento social/Breque dos App’s) para seu público (sociedade) que por sua vez constrói um entendimento sobre os atores em evidência (entregadores) ao mesmo tempo em que sinaliza as instituições de poder (legislativo, parlamentar e judiciário) sobre a temática em questão. Trata-se de uma relação dialógica entre linguagem e sociedade, contribuindo com o pensamento de Fairclough (2003) de que os problemas sociais são também problemas da linguagem e vice-versa. Os nossos atos (e discursos) são influenciados pela sociedade, do mesmo modo que a sociedade se molda a partir da propagação discursiva.

Por fim, também consideramos importante uma análise das tecnologias de comunicação para que possamos observar os níveis de interação entre o jornalista e seus leitores. Ao todo, há duas distinções entre os tipos de comunicação: i) a comunicação em duas vias e ii) a comunicação em uma via (Fairclough, 2003). O corpus em questão exerce uma comunicação mediada em uma via, tendo em vista que o leitor não consegue interagir diretamente com o repórter.

A consumação do conteúdo requer que o sujeito esteja conectado à internet e o fluxo de acesso ocorre da seguinte forma: o jornalista produz seu texto, este passa pelo editor e é publicado no site, ficando assim disponível para o leitor. Não se pode ignorar que na modernidade tardia grande parte da interação é mediada (Da Silva e Ramalho, 2008), sendo esse processo articulado a partir do desenvolvimento das tecnologias de comunicação. A forma como produzimos e consumimos notícias vem se alterando gradativamente. Basta pensarmos que um evento como a Breque dos App’s, se ocorrido anteriormente ao surgimento dos sites de notícias, teria sua cobertura centralizada na TV, rádio e jornais impressos, não havendo a possibilidade de um acompanhamento dos fatos em tempo real, em qualquer lugar do mundo.

Thompson (2002) nomeia esse processo como uma “quase-interação mediada”, onde as relações sociais passam a depender da tecnologia de comunicação, permitindo que participantes distantes, no mesmo espaço e tempo, tenham acesso a mesma informação. Observando a partir da

perspectiva do repórter, podemos identificar, em seu processo comunicativo, uma espécie de monólogo. Ainda que esteja falando para um número indefinido de leitores, o fluxo de sua comunicação é predominantemente de sentido único. Não há interação em tempo real e, ao mesmo tempo, ainda que quisesse, ele tem a consciência da impossibilidade para tal ato.

Diante do exposto, concluímos que as notícias enquanto atividade atentaram-se ao propósito de explicitar o fato social (Breque dos App's) e as problemáticas ao seu entorno. As relações sociais, por sua vez, são demarcadas pelo domínio discursivo do jornalista, sendo ele o detentor da escolha dos discursos que podem priorizar (ou não) os entregadores ao mesmo tempo em que corroboram para o conhecimento social dos leitores. Em se tratando de uma comunicação mediada pela internet, reforça o distanciamento entre o repórter e a sociedade, implicando na ausência de um diálogo entre eles, o que resulta na fácil manipulação do saber, característica inerente aos meios de comunicação de massa.

## **6 DISCURSO, MÍDIA E REPRESENTAÇÃO: AS VOZES QUE SE ARTICULAM DENTRO DAS NOTÍCIAS**

Neste tópico, recorreremos ao conceito de intertextualidade, a “propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos (Fairclough, 2001, p. 114), para a observação das representações discursivas identificadas não somente nos títulos, mas também no corpo dos textos.

Como visto anteriormente, ambos os veículos, R7 e Globo, utilizam discursos dos entregadores de aplicativo para explicitação da problemática. Nas quatro notícias o leitor tem a oportunidade de entender as motivações da categoria para a realização da Breque dos Apps. Todavia, o modo como os discursos são expostos para conquistar (ou não) a sensibilidade do leitor difere.

Nas matérias do Globo (Figura 01), a primeira voz explícita (entrevista) representa os entregadores, tendo como foco os pontos de melhorias que esperam obter a partir da realização da greve. Nos dois textos, são listados todos os direitos reivindicados pela categoria, assim como também as críticas com relação às penalizações gerenciadas pelas empresas de aplicativo.

A mesma prioridade ocorre no portal R7 (Figura 02), porém a narrativa não se centra exclusivamente na breque dos app's, mas sim nas histórias de vida dos entregadores que sofreram acidentes e foram ignorados pelas respectivas empresas. Trata-se de uma estratégia de personificação, onde o sujeito tem sua história contada para assim dar rosto ao problema em questão, gerando maior sensibilidade e identificação por parte dos leitores.

É válido ressaltar que na composição do gênero notícia o repórter não usa apenas um único discurso, mas sim uma série de discursos de outrem, como o discurso citado, para assim assegurar a veracidade, autenticidade e credibilidade dos fatos narrados (Benites; Da Silva, 2015). Assim sendo,

a escolha por quem deve ou não ser ouvido, por si só, já implica uma relação de poder e dominação discursiva, permitindo a compreensão do caráter ideológico e hegemônico da notícia.

Além dos entregadores, ambos os portais apresentam a fala institucional das empresas de aplicativo. Todavia, são reportadas de forma mais sucinta e, em alguns pontos, o repórter deixa evidente que tentou buscar uma explicação, mas não obteve retorno da assessoria. De modo geral, faz parte da essência do jornalismo a busca pelas duas (ou mais) versões dos fatos. Para cada história apresentada, há um contraponto que também precisa ser explicitado.

Não restringindo o debate somente aos entregadores e empresas de app, os repórteres ouviram ainda outros atores sociais, incluindo especialistas, sindicalistas e a própria população:

Devido à pandemia, esses heróis estão aí arcando com os próprios custos pra poder trabalhar. Foram deixados à mercê da própria sorte. Desde 2015 a gente já vem denunciando que essas empresas vieram para o Brasil para causar o doping social dos entregadores – discursou outra pessoa (Globo, 2020).

“Essas empresas enganam o trabalhador, porque vendem a falsa autonomia, a ideia do empreendedorismo. Argumentam que são só intermediadores de serviços”, afirma Gerson Cunha, presidente interino do sindicato (R7, 2020).

Professor de direito do trabalho na USP (Universidade de São Paulo), Flavio Batista concorda com as decisões do MPT. “Acho que esses contratos são todos fraudulentos e que os entregadores devem ser considerados empregados dos aplicativos. Mas as empresas de aplicativos consideram que estão apenas prestando serviço de intermediação”, comenta (R7, 2020).

Esta escolha acaba por legitimar a fala dos trabalhadores e funciona ainda como um princípio recontextualizador, em que o problema é debatido fora do seu ciclo de origem. É oportuno destacar que a recontextualização, embora faça parte da natureza jornalística, está atrelada a todos os meios e práticas sociais. No entanto, conforme argumentam Fairclough e Chouliaraki (1999, p. 41), o discurso da mídia jornalística funciona como “um princípio recontextualizador para a apropriação de outros discursos e sua apresentação em relações especiais entre si para fins de sua disseminação e consumo massificados”. Assim sendo, a articulação entre vozes, sejam elas expostas explicitamente ou implicitamente, determinam as representações discursivas e, conseqüentemente, o sentido do texto.

Diante do exposto, conclui-se que as notícias enquanto gênero e prática social transformam outras práticas sociais. No exemplo em observação, falamos sobre a prática trabalhista que vem se reformulando a partir do desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Ou seja, o próprio discurso de ordem neoliberalista e tecnocentrista resultou na reconfiguração dos modos de trabalho, dado que as plataformas nas quais estão conectados os entregadores são também ferramentas de comunicação. Assim sendo, fundamenta-se a perspectiva dos estudos do gênero como aspectos

discursivos das formas humanas de ação e interação em eventos sociais, sendo a linguagem uma ferramenta capaz de reconfigurar nossa vivência em sociedade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos analisar as notícias “como práticas discursivas socialmente situadas, cujos participantes atualizam identidades e relações sociais nos textos que são produzidos, distribuídos e consumidos em atividades específicas da vida social” (Motta-Roth; Marcuzzo, 2010, p. 520). A partir das reflexões proporcionadas pela análise do gênero, parece-nos necessário retomar os questionamentos levantados no início deste trabalho.

Percebemos que, na cobertura citada, o propósito comunicativo da imprensa foi apresentar a Breque dos App's a partir da narrativa dos entregadores de aplicativo, expondo os motivos da manifestação. De modo geral, as quatro matérias analisadas permitiram que o leitor tivesse compreensão sobre as práticas precarizadas nas quais os trabalhadores estavam inseridos.

Em se tratando do discurso noticioso, não se pode ignorar o domínio exercido pelo jornalista, sendo a notícia um gênero de governança capaz de influenciar na percepção e reconstrução das práticas sociais. Além do mais, sendo o *corpus* composto por matérias digitais, onde não há uma interação direta ou possibilidade de contestação entre o leitor e o escritor, seu controle e propagação narrativa tornam-se ainda mais relevantes.

Por fim, quanto à identificação e articulação das vozes, notou-se maior prioridade e evidência nas solicitações de melhorias que motivaram a Breque dos App's. Em grande parte dos textos, ambos os veículos se concentram nas histórias contadas pelos entregadores, como uma estratégia para sensibilizar a população que, vale lembrar, depende do serviço prestado pela categoria.

Isto posto, parece-nos oportuno recapitular que o sistema de flexibilização trabalhista, fomentado pelas empresas de aplicativo, faz parte de uma prática neoliberal cuja característica central é a inviabilização dos direitos trabalhistas. Em vista disso, o entendimento da plataformação do trabalho perpassa pela observação do discurso, uma vez que essa ordem discursiva capitalista, presente há décadas, vem reformulando o modo como encaramos a jornada de trabalho.

A supervalorização da “independência”, permitindo que os cidadãos sejam os seus “próprios chefes”, determinem seus salários e construam sua própria carga horária está entre alguns discursos fortemente propagados em nossa sociedade. Amorim e Grohmann (2021, p.47) corroboram com este debate alegando que o empreendedorismo, nesse sentido, é um operador ideológico e gerencial do capital sobre a classe trabalhadora, responsável por criar coerções e consensos sedutores.

Em consequência, a forma como a imprensa apresenta tais mudanças não pode ser negligenciada. A representação de uma classe trabalhadora perpassa pela escolha das fontes. Portanto, os discursos utilizados para a exposição dos fatos podem legitimar (ou não) determinadas relações de poder. Enquanto gênero, a notícia deve, sobretudo, se ater ao papel social do jornalismo, cabendo a nós sabermos ler e interpretar os seus discursos para agirmos autonomamente em sociedade.



## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 2. ed. Trad. M. E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAZERMAN, C. Escrita, gênero e interação social. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: Como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2009. p. 19-46.
- BENITES, S. A. L.; DA SILVA, D. R. O dialogismo no gênero discursivo notícia. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 37, n. 4, p. 347-357, 2015.
- BEZERRA, B. G. O gênero como ele é (e como não é). 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. Discurso na modernidade tardia: Repensando a análise crítica do discurso. Edinburgo: Edinburgo University Press, 2021.
- DA SILVA, D. E. G.; RAMALHO, V. Reflexões para uma abordagem crítica dos gêneros discursivos. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 8, n. 1, p. 19-40, 2008.
- FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.
- FREADMAN, A. As armadilhas e armadilhas da teoria do gênero. *Linguística Aplicada*, v. 33, n. 5, p. 544-563, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/applin/ams055>.
- GERZSON, V. R. S. A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal: os discursos sobre educação nas revistas *Veja*, *Época* e *Istoé*. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GUIMARÃES, E. A articulação do texto. São Paulo: Ática, 1990.
- GROHMANN, R. Trabalho Digital: O papel organizador da comunicação. *Comunicação Mídia e Consumo*, v. 18, n. 51, p. 185, 2021.
- G1. Remuneração justa para entregadores por app: Entenda como ganham os motoboys. G1, 29 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/09/29/remuneracao-justa-para-entregadores-por-app-entenda-como-ganham-os-motoboys.ghtml>.
- G1. Entregadores de aplicativos fazem manifestação em São Paulo. G1, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/01/entregadores-de-aplicativos-fazem-manifestacao-em-sao-paulo.ghtml>.

O GLOBO. Entregadores de aplicativo fazem protestos nas ruas do Rio de SP por melhor remuneração. O Globo, 29 dez. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/entregadores-de-aplicativo-fazem-protestos-nas-ruas-do-rio-de-sp-por-melhor-remuneracao-24509487>.

HABERMAS, J. Erkenntnis und interesse. Frankfurt: Suhrkamp, 1977.

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA – IPEA. Carta de Conjuntura (N. 53, Nota 5, Quarto trimestre). Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2021/10/a-gig-economy-no-brasiluma-abordagem-inicial-para-o-setor-de-transporte/>.

LAGE, N. Estrutura da notícia. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 81-106.

MILLER, C. R. Gênero como ação social. Quarterly Journal of Speech, v. 70, n. 2, p. 151-167, 1984.

MILLER, C. R. Gênero textual, agência e tecnologia. Trad. J. Hoffnagel. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: Análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 10, p. 511-538, 2010.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. Análise crítica do discurso. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. Análise de discurso crítica: Uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso. ALED/Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, v. 5, n. 1, p. 27-50, 2005.

R7. Entregadores de SP pedem direitos a apps após amputação por acidentes. R7, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/entregadores-de-sp-pedem-direitos-a-apps-apos-amputacao-por-acidentes-01072020>.

R7. Entregadores paralisam atividades hoje contra condições precárias. R7, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/entregadores-paralisam-atividades-hoje-contra-condicoes-precarias-01072020>.

SRNICEK, N. Platform capitalism. Cambridge: Polity Press, 2017.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

VAN DIJK, T. A.; GAL, G. La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1990.

WODAK, R. Do que trata a ACD: Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Linguagem em (Dis)curso, v. 4, p. 223-243, 2010.